

Autor:

José Carlos Ribeiro Miranda

mirandajcr.prv@gmail.com

Título:

O Livro de Galaaz e a ideologia da linhagem

Resumo:

O ciclo arturiano em prosa, redigido em França no início do século XIII, depressa se divulgou por toda a Europa, nomeadamente em Portugal. Embora constitua o ponto culminante de uma escrita romanesca envolvendo o rei Artur e os seus cavaleiros, é também o lugar em que, ultrapassando o modelo cavaleiresco, se formaliza e detalha um modo específico de encarar o mundo da nobreza, que é a linhagem. Memória da perduração no tempo e consanguinidade constituem a base de um processo de aliança entre indivíduos que confere legitimidade à disputa pela supremacia social numa altura em que, por toda a Europa, a monarquia prepara os instrumentos para a sua histórica afirmação.

Palavras-chave:

Ciclo arturiano; Vulgata; *Livre de Lancelot*; *Livro de Galaaz*; *Estoire del Saint Graal*; Lancelot; Galaaz; Elaim; «linhagem»; «*ligne*»; «*lignage*»; «*parenté*».

Abstract:

The Arthurian prose cycle of romances, written in France in the early 13th century, was soon to be known throughout Europe, namely in Portugal. On the one hand, this cycle is the acme of Romanesque writing featuring King Arthur and his knights; yet, on the other hand, these texts also expose the outpacing of the chivalric model as they formalize and describe a specific mind frame of coeval aristocracy, built around the concept of lineage. Memory of the ancestors and blood kinship are the basis of a particular bondage between individuals that confers legitimacy to the dispute for social supremacy at a time when, throughout Europe, monarchy prepares the tools that will serve the historical prevailing of royal power.

Keywords:

Arthurian cycle; Vulgate; *Livre de Lancelot*; *Livro de Galaaz*; *Queste del Saint Graal*; *Estoire del Saint Graal*; Lancelot; Galaaz; Elaim; «linhagem»; «ligne»; «parenté».

Plano

Do cavaleiro à linhagem

Das linhagens de David e de José de Arimateia ao «precioso linhagem»

A linhagem como rede de solidariedade

Linhagem e reprodução social: outros apontamentos

Linhagem & linhagem em conclusão

Como citar este artigo:

José Carlos Ribeiro Miranda, «O *Livro de Galaaz* e a ideologia da linhagem», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 5, 2020, pp. 171-189.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua5a6>

O LIVRO DE GALAAZ E A IDEOLOGIA DA LINHAGEM⁴⁴¹

José Carlos Ribeiro Miranda
Universidade do Porto
SMELPS/IF/FCT

Há mais de vinte anos publicámos um livro com um título que corresponde, no fundamental, à temática que nos propomos abordar agora, retomando e precisando alguns fios da argumentação então produzida⁴⁴². Na realidade tratava-se da parte final de uma dissertação de doutoramento defendida em 1993, possivelmente com conclusões mais matizadas, após um período de maior reflexão e tendo já contado com a troca de ideias que, entretanto, tinha tido lugar com amigos e colegas próximos, com interesses centrados nas questões da sociedade medieval e da problemática da linhagem.

Tudo começara, todavia, pela literatura, âmbito no qual se tem situado a nossa investigação primordial ao longo dos últimos quarenta anos. E, dentro dessa literatura, pelo romance arturiano, ao qual foi dedicada uma particular atenção a partir da década de 1980. Ora, aquilo que mais saliente se tornou, na altura, foi a ideia de que a História da Idade Média e, dentro desta, da literatura medieval, que é apenas uma pequena janela dentro dessa História, era semelhante a um puzzle, uma charada feita para teimosos e obstinados, cuja observação raramente leva a resultados que não sejam provisórios.

Vejam os como o tema se configurava de um ponto de vista estritamente objectivo. Em Portugal, desde os finais do século XIII, é possível documentar a existência de um conjunto de textos cujas personagens centrais são o rei Artur e os seus cavaleiros da Távola Redonda, o mago Merlin, a rainha Genevra, etc. São todos eles da estirpe do romance arturiano em prosa, cuja redacção original em Francês teve lugar nas décadas de 1210 a 1230.

Mais ainda: conhecemos até o nome do primeiro tradutor para o Português da altura: Joam Vivas; homem da vassalagem de D. Afonso III, o que valida a hipótese de esses textos terem entrado em Portugal com a vinda de França do então conde de

⁴⁴¹ Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto MELE (Da Memória Escrita à Leitura do Espaço, POCI-01-0145-FEDER-032673), cofinanciado pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI), através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), e por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

⁴⁴² Referimo-nos a Miranda (1998b), complemento de Miranda (1998a).

Bolonha, em 1245⁴⁴³. Embora já tenhamos encontrado em Portugal um fragmento destes romances – do *Livre de Lancelot*, neste caso – copiado na língua original ainda no séc. XIII⁴⁴⁴, todos os restantes fragmentos ou textos integrais, como veremos, são traduções. As mais antigas definitivamente em Português, mas algumas delas redigidas em Castelhana e, por vezes, impressas no séc. XVI.

São traduções muito literais, mesmo quando devidas a iniciativas diferentes⁴⁴⁵, o que permite, com alguma facilidade, identificar a que romances – ou configurações de romances que a crítica acabou por designar pelo termo «ciclo» –, esse conjunto de textos pertenceu na sua origem, esperando nós que venha ainda a chegar o dia em que seja possível ser mais preciso quanto à proveniência de tão extensa e valiosa literatura.

Vejamos então a que textos nos estamos a referir, tendo sempre em mente que esta é a literatura mais lida e consumida em Portugal no final da Idade Média, à semelhança, aliás, do que ocorria um pouco por toda a Europa ocidental:

Estória do Santo Graal (Estoire del Saint Graal)

Livro de Merlin (Livre de Merlin)

Livro de Lançarote (Livre de Lancelot)

Livro de Tristan (Livre de Tristan)

Livro de Galaaz [e da Morte do rei Artur] (Queste del Saint Graal+Mort Artu)

É necessário que se diga que o estudo destes romances, tanto do ponto de vista da transmissão manuscrita, como da interpretação, remonta à segunda metade do séc. XIX e foi, desde então, realizado sempre numa perspectiva comparatista e global, ou seja, em conjunto com os romances homólogos escritos em Francês ou mesmo noutras línguas europeias, de tal modo se considerava que se estava perante uma só literatura. Com efeito, a difusão destes romances – ou ciclos – sofrera uma inevitável usura e era normal pensar-se que podiam ter subsistido noutras línguas versões que, entretanto, tinham desaparecido na língua original. Aliás, isso era facilmente verificável relativamente a um dos romances – o *Livro de Galaaz* ou *Demanda do Santo Graal* –, cuja parte inicial, inegavelmente traduzida do Francês, não se acha actualmente em nenhum manuscrito redigido nessa língua...

É dessa altura, e sobretudo do trabalho de filólogos alemães, com particular relevo para Edward Wechssler⁴⁴⁶, a quem se deve a designação «ciclo do pseudo-Boron», que nascem algumas ideias consensuais nesta área de estudos, nomeadamente a de que

⁴⁴³ Cf. Castro (1983). Contudo, Ailenii (2020) detectou outros tradutores activos na época e responsáveis pela versão ibérica do *Livre de Merlin* e do *Livre de Tristão*.

⁴⁴⁴ As tiras que o compõem estão publicadas, em transcrição e tradução, num artigo publicado há já alguns anos (Miranda & Correia, 2011).

⁴⁴⁵ Cf. Ailenii (2020).

⁴⁴⁶ Cf. Wechssler (1895).

estes textos se organizam como uma só história, seguindo um modelo que é uma réplica da organização dos livros da Bíblia – onde, aliás, vão buscar a inspiração e também boa parte da concepção do tempo longo e histórico que organiza internamente o seu enredo, com o seu Génesis, os seus apogeus e quedas e o anúncio do redentor, que se afirma, aproximando-se o fim do tempo da narrativa.

Era consensual, todavia, que este ciclo representado pelos textos que viajaram para Portugal era já uma expansão de um outro, bem mais coeso, que tinha como espinha dorsal a figura de Lancelot e cuja versão mais conhecida e difundida fora designada «Vulgata» pelo filólogo Heinrich Oskar Sommer⁴⁴⁷, tendo-o dado à estampa entre 1909 e 1917⁴⁴⁸.

Não perderemos tempo com o período de denegação mutilante, que corresponde a grande parte do século passado, em que se foi enraizando a ideia de que, afinal, os romances arturianos ibéricos cíclicos eram apenas três – omitindo-se os *Livros de Lancelot e de Tristan* – e que esse ciclo teria resultado de um encurtamento do «ciclo da Vulgata», e não da sua expansão. Esta ideia apoiou-se na percepção de que a relação entre os romances *Estória do Santo Graal*, *Merlin* e *Demanda* se sobrepunha às restantes ligações cíclicas, tanto na tradição manuscrita como na articulação das referências redaccionais internas, e ainda num conjunto de ideias interpretativas sem qualquer fundamento e que, seguramente, como já mostrámos em tempos, não correspondiam minimamente ao que os leitores medievais liam.

Pretendia essa teoria que o leitor medieval lesse a história dos antecedentes de Lancelot e Galaaz – que remontava, por vezes, a tempos do Antigo Testamento –, que passasse daí ao jovem rei Artur e depois desse um salto temporal de tal forma grande que ia encontrar Lancelot já no ocaso da sua existência, arrastando a sua relação amorosa com a mulher do rei, não se sabia bem desde quando, para então, após um conjunto à primeira vista desconexo de aventuras de vários cavaleiros, assistir ao tradicional holocausto arturiano. Estas ideias foram obstinadamente defendidas pela estudiosa Fanni Bogdanow⁴⁴⁹, mesmo quando foram surgindo testemunhos que apontavam, sem margem para dúvida, noutros sentidos.

Quando começámos a trabalhar nesta área, há cerca de trinta anos, estas teorias então vigentes revelaram-se inadequadas, mas facilmente contestáveis. Na realidade, embora no horizonte português não existisse um *Livro de Lancelot* que permitisse acabar de vez com a ideia de um ciclo coxo e abreviado, a versão castelhana desse texto

⁴⁴⁷ Sommer (ed., 1909-1917).

⁴⁴⁸ Na opinião de Jean Frappier (1977), o «ciclo da Vulgata» teria sido constituído unicamente pelo *Livre de Lancelot* (visto como romance unitário), pela *Queste del Saint Graal* e pela *Mort Artu*, sendo os restantes textos, nomeadamente a *Estoire del Saint Graal* encarada como tardia e dependente da *Queste*. Embora ainda alimentada por alguns sectores, tal perspectiva foi posta em causa no final do século passado pelos trabalhos de Kennedy (1986), Ponceau (1997) e Mosès (1998), este último na sua proposta de edição do romance dedicado ao amante da rainha Geuenièvre.

⁴⁴⁹ De salientar o extenso estudo de Bogdanow (1966), no seio de um valioso naípe de ensaios que esta autora dedicou ao tema.

existia e era conhecida, tendo vindo a ser detalhadamente estudada por Isabel Correia num livro que, infelizmente, ainda só conhece uma versão portuguesa⁴⁵⁰. Eloquentemente, essa versão do *Livro de Lancelot*, transmitida por um manuscrito do século XVI (ms 9611 da BNE) resultante de uma cópia (tradução castelhana?) realizada em 1414, remete, em vários pontos, para momentos específicos dos romances que viajaram para Portugal, mas atesta também que, em dada altura – ainda antes da tradução para língua ibérica –, lhe foi adicionada uma *Gram Estória de Tristan*, para resultar na totalidade cíclica que reconstituímos⁴⁵¹.

Assim sendo, a emigração do ciclo de romances arturianos em prosa para a Península ter-se-ia dado muito cedo, beneficiando de Portugal ter tido, a partir de 1247, um rei e uma corte directamente importados de França, que tinha trazido esses textos numa configuração já mais abastada, visto ter-lhe, entretanto, sido acrescentada mais matéria narrativa, desta vez referente ao herói que mais impacto viria a ter no público futuro, exactamente Tristan da Cornualha.

Mas, como dissemos de início, os caminhos das fontes medievais são por vezes tortuosos, e isso tornou-se-nos muito manifesto quando observámos de perto aquele que era, aliás, por razões que têm a ver com a recepção contemporânea, o mais íntegro dos romances subsistentes: o *Livro de Galaaz*, ou, se se preferir, a *Demanda do Santo Graal* – e aqui entramos na matéria que diz especificamente respeito às temáticas sociais que nos propomos tratar nesta sede.

Do cavaleiro à linhagem

Ora, como o antigo título indica, esse livro pretende ser uma biografia de Galaaz (ou Galaad, como também se diz em alguns manuscritos franceses). Assistimos à concepção desse futuro cavaleiro num dos derradeiros episódios do *Livre de Lancelot*, aliás presente no manuscrito de Madrid, que narra o encontro deste cavaleiro com Amida, a filha do rei Peles de Corberic. Sabemos também – desta vez não pelo manuscrito de Madrid, que não contém essa parte final, mas sim pelos homólogos franceses – que várias vezes o pai visitou o filho, até ao ponto em que um velho eremita, encarregado da educação do jovem, alerta o rei Artur para a necessidade da apresentação pública do jovem futuro cavaleiro, o que o rei vem a fazer, convocando cortes para o Pentecostes desse ano.

Aí, todavia, o romance, na sua versão francesa, formalmente termina, para dar lugar ao outro romance cuja função é narrar a biografia adulta de Galaad/Galaaz, que,

⁴⁵⁰ Em Correia (2015) é possível encontrar um «estado da arte» actualizado relativo aos múltiplos problemas levantados pelo *Livro de Lanzarote* ibérico.

⁴⁵¹ Sobre o «ciclo do pseudo-Boron» e a matéria tristaniana, ver o detalhado estudo de Laranjinha (2010).

na versão francesa da «Vulgata», é a *Queste del Saint Graal*⁴⁵². Mas as surpresas começam então, quando, neste romance, Lancelot, chamado a fazer cavaleiro o filho, não o reconhece como tal... E logo de seguida, quando Galaad chega à corte, o eremita que o acompanhava é substituído por um homem vestido de branco da «santíssima casa (hostel) de Corberic», que em nada se assemelha ao eremita que comparecia no final do *Livre de Lancelot*. É, aliás, este homem que produz as sacramentais palavras «pes o vos», que no texto português são atribuídas ao próprio Galaaz.

Na realidade, se observarmos a narrativa pelo lado do texto português⁴⁵³ (e também castelhano, publicado no séc. XVI), verificamos que o velho eremita está sempre presente, ora mais visível, ora menos, e irá acompanhar o cavaleiro até ao momento em que, já depois do Pentecostes, se diz que lhe vai revelar «o seu linhagem», ou seja, quem são os seus antepassados e quais são aqueles de quem é próximo⁴⁵⁴. Aqui não existe nenhum homem vestido de branco oriundo de Corberic...

Como se verá, estas linhas narrativas, assim estabelecidas e depois continuadas, são cruciais para avaliar o tema que nos ocupa, e revelam já o que foi a segunda mais relevante conclusão do trabalho de investigação levada a cabo vai para trinta anos: que, no chamado «Ciclo da Vulgata», a *Queste del Saint Graal (QV)* não respeitava a letra, o fio narrativo, nem o sentido implícito daquilo que tinha sido escrito no *Livre de Lancelot*; e que, por seu lado, o texto português do *Livre de Galaaz (DP)* seguia fielmente – nas partes em que não era visível a mão tristaniana – o grande romance em torno do qual o ciclo havia sido construído.

Teria o texto português sido refundido no sentido de o ajustar narrativamente ao *Livre de Lancelot*? Mas como seria tal possível se a crítica maioritariamente defendia que o «pequeno ciclo português» tinha sido realizado no sentido de se afastar não só de Lancelot como personagem, mas sobretudo do *Lancelot* como Livro, que teria sido pura e simplesmente omitido⁴⁵⁵?

Perante estas evidências, avançámos com a ideia de que o conjunto de romances designados «Ciclo da Vulgata» tinha conhecido uma **Queste del Graal* primitiva, da qual o *Livre de Galaaz* descenderia, mantendo a integridade deste aspectos narrativos, contra a actual *Queste del Saint Graal*, que dessa **Queste* primeira igualmente descenderia, mas tendo operado uma refundição dessa versão em aspectos cruciais para a matéria que agora nos ocupa, a saber, a construção da ideia de linhagem. Como é notório, a *Queste del Saint Graal* acusa um desvio «espiritualista» muito acentuado,

⁴⁵² Que designaremos, abreviadamente, por QV.

⁴⁵³ Que designaremos, doravante, por DP.

⁴⁵⁴ Ver DP, Nunes (ed., 1995, pp. 21-22 e 50).

⁴⁵⁵ Relembre-se que Bogdanow não apenas renomeou o conjunto cíclico português como «Roman du Graal», mas definiu mesmo o seu conteúdo unicamente como uma «arturíada»...

que secundariza, em certos momentos, a própria ideia de cavalaria, tornando-a uma simples metáfora da humanidade⁴⁵⁶.

A partir desse momento, tratou-se, para nós, de avançar no inquérito aos textos, averiguando de que modo a relação pai-filho servia, ou não, o propósito de construir um sistema de relação social em que a ideia de linhagem se ia detalhando e adquirindo maior imponência.

Das linhagens de David e de José de Arimateia ao «precioso linhagem».

O ciclo em prosa não é, contudo, o inaugurador da problemática da linhagem no romance arturiano. A promoção do vínculo genealógico à condição de tema relevante começa a fazer-se sentir antes deste conjunto romanesco, nomeadamente no *Li contes del Graal*, de Chrétien de Troyes (c. 1180), logo seguido do pequeno ciclo de Robert de Boron (c. 1200)⁴⁵⁷. A ascendência de Perceval constitui o acto inaugural desse processo, que continuou pela descendência de José de Arimateia, tal como esta se fixa neste último autor⁴⁵⁸. Mas, até esse momento, tal vínculo não possuía uma designação específica. Essa designação apenas surgirá, na sequência da apropriação desta temática pelo grande ciclo em prosa, com o aparecimento do termo «lignage», ajustado a uma nova e extensa sequência patrilinear, que virá a ocupar o centro da «estória»⁴⁵⁹.

Para elevar a um plano de definitiva proeminência esta nova patrilinearidade – da qual farão parte Lancelot e Galaaz –, o ciclo vai efectuar um processo de disseminação da primitiva genealogia do herói do Graal – Perceval – por vários cavaleiros, visando afastar este último da condição de principal personagem a quem se destinava tal aventura. Mesmo que o conceito «linhagem de José de Arimateia» venha a surgir mais adiante, será uma *linhagem* não individualizante, semanticamente neutralizadora, e apenas reclamável por via feminina, o que não deixa de ser interessante para avaliar o âmbito conceptual recoberto pelos usos do termo.

O mesmo se passará, aliás, com a reclamação da ascendência do rei David, que ocorre no ciclo explicitamente por via feminina – as mães de Lancelot e dos seus primos Boorz de Gaunes e Lionel – e à qual já a *Estoire del Saint Graal* atribui reiteradamente a designação «lignage». Na primeira ocorrência, é uma indeterminada voz que adverte Salomão para os enganos da sua mulher e profetiza a vinda daquela que há-de redimir a condição feminina:

⁴⁵⁶ Cf. Miranda (1998b); Silva (2019).

⁴⁵⁷ Cf. Miranda (2011);

⁴⁵⁸ Sobre este processo, ver Miranda (2011)

⁴⁵⁹ Sobre a problemática histórica do conceito de «linhagem», consultar Martín & Miranda (2011).

Salemon, n'aies pas en despit feme, car par feme vint homme en courous premierement et en lieu de cele feme venra une autre qui aportera l'omme a grignor joie que li courous n'a este. Et ensi amendera feme quanques feme a forfait et cele feme isterra de ton lignage⁴⁶⁰

Logo adiante, é o próprio Salomão que escreve uma carta contendo advertências que, a seu tempo, Galaaz há-de ler:

Os tu, chevaliers boin eureus qui seras fin de mon lignage, se tu veus estre en pais, seur toutes coses te gaitte d'engin de feme et se tu le crois, ne sens, ne proece, ne chevalerie ne te garantira que tu ne soies hounis en la fin. Et chou te mande Salemons que tu t'en gardes en remembrance de lui⁴⁶¹

É também manifesto que a ideia de linhagem começa por se afirmar conferindo importância às redes de descendência em que intervêm homens assim como mulheres, embora nos queira parecer que estas últimas só ganhem foro e estatuto em situações de ausência de elementos masculinos que assegurem a transmissão geracional. Na realidade, não é tanto bilinearidade ou cognatismo, como pode parecer à primeira vista⁴⁶², mas antes alternativa à regra da preferência masculina. Ainda aqui, o romance arturiano encontra na Península Ibérica um palco de difusão privilegiado já que tais tendências se confirmam igualmente, e com muita facilidade, na escrita genealógica desde finais do séc. XII⁴⁶³.

Mas, conquanto importantes, esta linhagens são secundárias ou complementares face àquela outra que o ciclo em prosa vai construir, a que começámos por nos referir, conferindo-lhe a dimensão de estrutura genealógica central e designando-a «precieus lignage»⁴⁶⁴. É naturalmente o eixo genealógico em que se situam as personagens principais do enredo, o rei Bam de Benoit, Lancelot e, por fim, Galaaz/Galaad. Embora construída desde cedo, é no romance – ou romances – que fecham o enredo, que é possível ver com todo o detalhe os vários ângulos em função dos quais esta temática pode ser encarada. No Pentecostes do Graal, há alguns momentos que permitem avançar do *modelo do cavaleiro isolado*, herdado fundamentalmente de Chrétien de

⁴⁶⁰ ESG, Sommer (ed., 1909-1917, I, p. 131).

⁴⁶¹ *Estoire del Saint Graal* (ESG), Sommer (ed., 1909-1917, I, p. 135). Como algumas variantes, tudo isto pode ler-se em QV, nas pp. 220-225 de Pauphilet (ed., 1923), cujo texto é retomado da *Estoire*.

⁴⁶² Cf. Girbea (2007, p. 84).

⁴⁶³ Sobre o *Liber Regum* ver, Martin (1992).

⁴⁶⁴ «as premerains et as daarains del *precieus lignage* monsterei iou [mes] merveilles...», *Estoire del Saint Graal*, Sommer (ed., 1909-1917, I, p. 81).

Toyes, para o *modelo relacional com base na ideia de linhagem* que, na nossa opinião, preside à construção do ciclo em prosa desde o seu início⁴⁶⁵

Referimo-nos ao ponto em que Galaaz, após ter ocupado o lugar que lhe cumpre no seio da Távola Redonda, participa num pequeno torneio – um «trebelho», segundo o texto português – destinado a comemorar um dia tão festivo. No nosso texto, o jovem cavaleiro é convidado a levar «armas do seu linhagem», o que não surpreende, visto não estar oculta a relação entre pai e filho, vindo o jovem cavaleiro engrossar o seu grupo familiar que cedo se revelará de extraordinária proeza militar. No texto francês da *Queste del Saint Graal*, nada disso se passa. O pai não reconhece o filho, nem o filho reconhece o pai. Há uma única alusão à linhagem de rei Ban (pai de Lancelot), mas proferida pela rainha Genevra em tom dubitativo e fora da assunção pública dessa informação... Na realidade, o reconhecimento entre pai e filho somente se dará no final do romance e não terá qualquer consequência na acção de ambos.

Ambos os romances têm por objectivo condenar a conduta de Lancelot, e a causa próxima é, sem dúvida, a relação amorosa que este cavaleiro mantém com a mulher do rei Artur. Simplesmente, enquanto no texto português essa relação é vista como uma ofensa política ao senhor natural – o rei – que virá, mais adiante, a gerar um conflito político que ditará o fim da Mesa Redonda, no texto da «Vulgata» essa relação é um pecado encarado do ponto de vista exclusivamente espiritual. São cuidadosamente rasuradas todas as alusões à guerra civil que terá lugar na *Mort Artu* (embora tenha escapado uma referência alegórica, que o redactor minimizou, apontando para esses eventos que deveriam ter lugar posteriormente⁴⁶⁶). Lancelot não é, neste romance, literalmente um cavaleiro, mas uma alegorização do homem comum e pecador. O mesmo se diga de Galaaz, que representa o virtuoso, ou Gauvain, o pecador impenitente.

Na realidade, a *Queste del Saint Graal* é a transformação de um romance de cavalaria numa grande alegoria de didactismo espiritual. As paráfrases bíblicas ou exegéticas que apresenta⁴⁶⁷, embora tenham como ponto de partida procedimentos do mesmo tipo que se encontram no texto português, remontando, naturalmente, à primitiva redacção francesa, adquirem uma dimensão e um sentido que o afastam definitivamente do mundo da cavalaria para mergulharem numa ética espiritualizante e ascética de todo alheia a esse mundo.

Assim sendo, é forçoso ter como referência o texto português porque é o único que pode deixar perceber o plano de escrita implícito no conjunto cíclico. E aí verificamos que, tendo como ponto de partida a condenação do adultério de Lancelot

⁴⁶⁵ Relembre-se, todavia, que Chrétien de Troyes, no *Li contes del Graal*, já avançava no sentido da consideração das relações familiares, com particular incidência no avunculato, que foi, entretanto, relegado para um plano secundário. Ver Miranda (2011).

⁴⁶⁶ Trata-se do sonho alegórico de Gauvain (Galvan) que pode ler-se em *DP*, Nunes (ed., 1995, pp. 153-162); e em *QV*, Pauphilet (ed., 1923, pp. 149-161).

⁴⁶⁷ Ver Silva (2019).

com a rainha Genevra, aquilo que os textos do ciclo vão fazendo é a exposição de uma realidade que transcende em muito o comportamento desse cavaleiro – ou de qualquer cavaleiro singular – para aumentar o quadro e fazer desse cavaleiro o representante, num dado momento do tempo, de uma realidade que o ultrapassa. E essa realidade é a linhagem.

Há um momento no texto português, que não é retido pelo texto francês, em que Lancelot, adormecido, tem uma visão do inferno em que jaz a rainha Genevra, e também do paraíso, em que se encontram o pai, rei Ban de Benoic, e a mãe, rainha Elena – uma sequência narrativa que tem a *Eneida* de Virgílio como fonte, quando o herói troiano faz a sua visita ao Inferno⁴⁶⁸. E são estas personagens, representantes do passado genealógico, que lhe apontam que a sua relação amorosa com a rainha Genevra é «contra Deus e contra direito»⁴⁶⁹, mas também contra a dignidade dessa realidade que atravessa o tempo, que é a linhagem. Essa ideia está já expressa na *Estoire del Saint Graal*, por intermédio dos sonhos genealógicos do fundador da linhagem e também daquele que, na época, ocupava o lugar do rei Artur – Mordaim, o primeiro rei cristão – , e constitui verdadeiramente a grande articulação temática de todo o ciclo⁴⁷⁰.

Ou seja, o motivo central que percorre estes romances é a ideia de linhagem, da sua origem na vontade divina – representada pelo conhecido emblema do Graal – e também da sua responsabilidade no mundo, através do exercício da justiça e da força das armas e ainda da manutenção de uma ordem em que o rei ocupa uma posição intangível. Realeza e cavalaria equilibram-se porque a cavalaria não é já o impulso militar do cavaleiro isolado, mas também a herança da linhagem de cada um, com o seu desigual peso, que impõe que todos os cavaleiros sejam diferentes, à partida, tendendo a força e a proeza a ser monopólio ideal de quem possui também a melhor linhagem. É claro que aquela linhagem cuja instituição remonta directamente à vontade de Cristo tem uma posição hierárquica diferente de uma outra cujos pergaminhos são inferiores.

De notar ainda a complementaridade absoluta dos vários romances que compõem o ciclo, nomeadamente o *Livro de Lancelot* e sua continuação até ao *Livro de Galaaz e da Morte do rei Artur*, mas também o seu complemento retrospectivo que é a *Estoire del Saint Graal*. O ciclo adopta uma estratégia em função da qual a patrilinearidade das personagens centrais se vai construindo gradualmente, não ultrapassando as quatro gerações. A mais recente geração torna-se visível quando, num importante episódio da continuação do *Livro de Lancelot*, o herói epónimo se dá conta da existência de um avô, pai do rei Bam, cujo nome era também Lancelot⁴⁷¹.

⁴⁶⁸ Aspecto bem observado pelo estudo de Sofia Teixeira (2019).

⁴⁶⁹ DP, Nunes (ed., 1995, pp. 160-161).

⁴⁷⁰ Cf. Correia (2003); Miranda (2019).

⁴⁷¹ *Livre de Lancelot*, Micha (ed., 1978, t. V, p. 117-131). Sobre o assunto, ver o estudo de Fabry-Tehranchi (2014).

Somente na *Estoire del Saint Graal* – narrativa, por excelência, da memória fundacional – se virá a observar com todo o detalhe a instituição dessa linhagem, que a fará remontar à Sarraz dos tempos de José de Arimateia, após o seu encarceramento de quarenta anos, e à vontade manifestada por Cristo de escolher Nascian e os seus descendentes como cavaleiros eleitos para representar, em seu nome, a ordem linhagística e cavaleiresca. Das quatro gerações conhecidas no *Livro de Lancelot* e no *Livro de Galaaz* – Rei Lancelot, rei Bam de Benoic, Lancelot e Galaaz – a ascendência passará a nove gerações (ou dez), que virão a perfazer aquilo que parece ser um ciclo histórico com ressonância bíblica⁴⁷².

O *precioso linhagem*, assim instituído, apenas será revelado a Galaaz e a Lancelot, ao longo da narrativa, o que não significa que uma estrutura linhagística generalizada não articule o conjunto do enredo cíclico⁴⁷³. Todavia, nenhuma linhagem irá poder competir com esta em dignidade, nomeadamente na capacidade de se aproximar da relíquia/emblema discriminante: o Graal. Deste modo, a sociedade arturiana estará definitivamente hierarquizada em torno de uma pirâmide que terá a linhagem eleita no seu topo.

A linhagem como rede de solidariedade

Nestas condições, é visível que o mundo da cavalaria recua para avançar a ordenação social por dignidade de linhagem. É essa, aliás, a ideia geral que se torna dominante no conjunto do ciclo, já que, apesar das lutas intestinas, que irão levar à morte de muitos cavaleiros, Lancelot e o seu grupo são dos mais poupados e conseguem manter os domínios continentais que possuem, abrindo a porta a um futuro parcialmente incógnito. «Linhagem» é aqui vista, então, como um processo de legitimação do poder de um cavaleiro, ou de um grupo de cavaleiros, sendo que este se deve mostrar à altura da função histórica que lhe está atribuída, por um processo argumentativo que recorre obviamente às categorias da teologia política augustiniana, já que essa atribuição é uma decorrência directa da vontade divina⁴⁷⁴.

Mas «linhagem» é também a vertente sincrónica, ou seja, o modo como se designa aquele grupo de indivíduos que num determinado momento herdaram o mesmo sangue, ou seja, que têm o mesmo antepassado comum. Nos excertos que comentámos atrás, sobretudo os do Pentecostes do Graal, esse aspecto é por demais visível. Galaaz é reclamado pelos da sua linhagem porque assim vem reforçar decisivamente o poder do

⁴⁷² Cf. Miranda (2015).

⁴⁷³ A patrilinearidade de Gauvain virá mesmo a comparecer, na *Estoire del Saint Graal*, com uma narrativa fundacional com características cavaleirescas e hipergâmicas muito elaboradas, como conviria a um cavaleiro arturiano da sua importância. Dedicámos-lhe há anos um pequeno livro, designado *Conto de Perom, o melhor cavaleiro do mundo* (Miranda, 1998).

⁴⁷⁴ Sobre o augustinismo político, ver Arquillière (1934); Lubac (1984). Para o âmbito do tema que nos ocupa, ver ainda Boutet & Strubel (1979); Miranda (1998b).

grupo que ditará os destinos de todo o reino, mesmo que este reino seja o imaginado reino de Logres onde um dia reinou o Rei Artur.

Não pode passar despercebido que estas ideias, formuladas em sede da ficção romanesca, revelam uma notável precocidade histórica, já que datam dos primeiros anos do século XIII. Mesmo aspectos que se virão a tornar decisivos para a definição dos grupos senhoriais linhagísticos – como a heráldica – ganham nestes romances um papel pioneiro, que já foi suficientemente salientado⁴⁷⁵. De facto, é a primeira vez que na ordenação de um grupo de parentesco prevalecem critérios de consanguinidade, masculinidade e primogenitura (patrilineagem), articulados em torno de uma *ligne*, mas tendo a complementá-la a parentela de consanguíneos que coexistem num dado momento com aquele que se apresenta como o chefe da linhagem. Neste ponto, remetendo para os textos no Francês medieval original, irá falar-se mais propriamente de *lignage*. Aliás, observados os textos franceses com atenção, verificamos que a primeira ocorrência do termo *lignage* no *Livre de Lancelot*, tal como este romance foi editado por Alexandre Micha, dá-se num contexto em que não está em causa qualquer referência a antepassados:

Grant fu la joie et la feste que li uns des compaignons font des autres que il se sont entreconneu, mais moult se sont esbahi plus que devant de ce que il ont esté outré par Boort qui est I jovenes anfes et il sont de tiex i a viel chevalier enciein et de grant force: si n'i a celui qui n'ait grant duel et grant rancune en son cuer de ce qu'il ont esté outré par lui et ce fu une des choses del monde *de quoi il orent greignor rancune sor la parenté Lancelot*. Mais qui qu'en soit iriez, il n'en poise mie Hestor ne a Lancelot, ainz dient bien entr'aux qu'il ne volsissent por riens que ceste honor ne lor fust avenue – ...car je sai bien, sire – fait Hestor a Lancelot – *que nostre lignages en sera plus doutez touz les jorz que nos vivrons mes*⁴⁷⁶

Na sequência do episódio do Tertre Desvee, em que Boorz de Gaunes mostra estar à altura de Lancelot no tocante à excelência cavaleiresca, assiste-se a uma primeira amostra da rivalidade entre os homens próximos do Rei Artur e os que deviam fidelidade a Lancelot. Estes últimos eram um grupo de parentesco, designado no texto pelo termo *parenté*, mas também, como se de um sinónimo se tratasse, pelo termo *lignage*. Pelo significado implícito nas palavras de Hestor, *lignage* era o conjunto dos parentes consanguíneos que coexistiam num dado tempo, tornando-se o conceito actuante em âmbito militar. O cavaleiro individual subsumia-se numa entidade colectiva, adquirindo por essa via um poder que isoladamente não possuía. *Linhagem* é, assim, não apenas uma forma de convocação do passado que age como activo simbólico em proveito de alguém, mas é também a definição de ligações privilegiadas dos indivíduos entre si com vista à afirmação de um poder de natureza militar.

⁴⁷⁵ Sobre o tema ver, Pastoureau (2014).

⁴⁷⁶ *Livre de Lancelot*, Micha (ed., 1978, t. V, p. 112).

Deste ponto em diante, o uso dos termos *parenté* e *lignage*, definidores de solidariedades consanguíneas, tornar-se-á insistente nos romances cíclicos franceses, na justa medida em que a progressão narrativa dará um espaço cada vez maior ao confronto entre grupos que virá a desembocar na *Mort Artu*, onde não será possível esconder que realeza arturiana e membros da «linhagem escolhida» – ambos organizados em poderosos colectivos – lutarão até ao fim pela supremacia política num pleito que terminará em irremediável disjunção.

É de notar que também no espaço textual reservado à busca do Graal se nota a presença desta temática, o que apenas pode surpreender quem esperar que a problemática do Graal alterne com a da linhagem, como se de dois fios narrativos autónomos se tratasse. O espaço da estória consagrado à busca do Graal é também o da preparação do confronto final, assistindo-se, por isso, a um incremento, em ambos os textos disponíveis que tratam tal matéria, do uso de uma terminologia que reflecte essa circunstância.

Porém, enquanto na *Queste* da «Vulgata» é utilizado o conceito «parenté li roi Ban» para identificar o grupo de consanguíneos de Lancelot, ficando «lignage» reservado apenas para os casos em que está em causa uma sequência genealógica, no texto português, de acordo com o que estava já escrito no *Livre de Lancelot* e que atrás transcrevemos, «linhagem» define também o grupo de parentes de sangue que coexistem num mesmo tempo⁴⁷⁷. Com esse sentido, a expressão «linhagem do rei Bam» estará presente com alguma abundância, sendo particularmente visível no episódio central, ou seja, no torneio organizado em Camelot pelo rei Artur para a apresentação pública de Galaaz, a que já atrás fizemos referência:

Aquele dia rogou Lancelot seu filho Galaaz *que trouxese armas, em aquele trebelho, de sinaaes de linhagem de rei Bam*. E ele o fez mui de graado, ca nom ha rem que ele receasse que lhe seu padre mandasse⁴⁷⁸

Abstemo-nos, nesta sede, de exemplificar o uso desta terminologia nos momentos subsequentes da narrativa, especialmente nos derradeiros episódios consagrados à *Mort Artu*. Bastará afirmar que se tornará cada vez mais insistente, como é exigido pelo desenrolar do enredo⁴⁷⁹.

⁴⁷⁷ De notar que, no uso feito do termo «lignage», as palavras de Boorz com respeito a Galaaz, logo no início do romance (QV, Pauphilet, ed., 1923, p. 3), podem representar, como algumas vezes ocorre neste texto, uma manutenção da lição proveniente da *Queste* primitiva, constituindo uma excepção nos usos desta versão da busca do Graal por Galaad.

⁴⁷⁸ DP, Nunes (ed., 1995, p. 33-34, fol 7r, l).

⁴⁷⁹ O glossário que acompanha *La Mort du Roi Arthur, Roman publié d'après le manuscrit de Lyon, Palais des Arts 77, complété par le manuscrit BnF n.a.fr. 1119*, (Baumgartner & Medeiros, eds.), dá conta de dezenas de ocorrências de «parenté» alternando com «lignage», tal como se observa no português *Livro de Galaaz e da Morte do Rei Artur (Demanda do Santo Graal)*.

Linhagem e reprodução social: outros apontamentos

Desde o início do *Livre de Lancelot* que somos surpreendidos pela existência de parentes de sangue oriundos de relações fortuitas: Estor de Mares é filho do pai de Lancelot, concebido numa altura que é cronologicamente difícil de determinar⁴⁸⁰. Outro tanto não parece suceder com Lancelot, por um lado, Boorz e Lionel, por outro, primos duplamente coirmãos, já que são filhos de irmã de mãe e de irmão de pai, simultaneamente. Segundo se deduz, neste último caso houve lugar a um matrimónio público, embora tal acto tenha permanecido por detalhar. O matrimónio explícito realça, contudo, os nexos genealógicos instituídos, já que se trata aqui da junção entre a linhagem escolhida de cavaleiros – os antepassados dos reis Bam e Boorz – e a linhagem veterotestamentária de Salomão, da qual descendem as rainhas Elena e Evaine...)⁴⁸¹.

Mas na geração seguinte, a dos jovens a quem cumpre «dar fim» à narrativa, as duas personagens de relevo são concebidas fora de qualquer laço matrimonial: Elaim e Galaaz. Qualquer que seja o ângulo pelo qual se encare o problema da aliança matrimonial – e mesmo sabendo que os autores do texto têm consciência do «pecado» em que fora concebido Galaaz⁴⁸² –, o que é certo é que o matrimónio instituído e sacralizado ocupa um lugar apenas parcial, o que é revelador da escassa solidez que esta instituição apresentava ainda na época em que os romances foram redigidos. A aventura pessoal nesse domínio, reveladora de uma liberdade não condicionada pelas regras da igreja, não tinha perdido ainda o seu lugar. Este facto está, aliás, de acordo com a escassa presença dos ministros da Igreja ao longo de toda a história, substituídos, as mais das vezes, pela palavra e pelo exemplo de eremitas, nem sempre «de ordem».

Outro aspecto saliente ao longo de todo o enredo é o facto de a linhagem, sobretudo quando encarada enquanto grupo actuante num determinado tempo e espaço, não prescindir dos seus fiéis, aliados ou servidores em termos vassálicos. A recuperação da personagem Persival na parte final do *Livre de Lancelot* cíclico, silenciado até então, parece ser a manifestação mais típica desta forma de comportamento social, mas a observação daqueles que são alvo de louvor aquando da visita final ao castelo do Graal não pode deixar dúvidas de que, junto aos membros da linhagem de referência, se alinhavam também alguns dos seus vassallos, dando uma ideia mais consistente do que era o poder e a eminência social dessa linhagem.

Linhagem & linhagem em conclusão

⁴⁸⁰ Essa relação fraternal apenas é indicada na continuação cíclica do romance, em Micha (ed., 1978, vol V).

⁴⁸¹ Ver Miranda (1998b).

⁴⁸² Ver DP, Nunes (ed., 1995, p. 22).

Quando, em tempos, definimos o ciclo em prosa no seu todo – e particularmente o romance que, na sua primitiva forma, narrava a biografia de Galaaz –, como o lugar onde privilegiadamente se leva a cabo a explicitação da ideologia da linhagem, abstivemo-nos de realizar uma inteira distinção dos vários níveis semânticos implicados no uso do termo «linhagem». Na realidade, pareceu-nos suficiente tornar patente o modo como a noção de colectivo cavaleiresco se opunha à ideia de cavaleiro individual, predominante no *roman en vers* do séc. XII. Neste momento em que o estudo do tema saiu já da infância, parece-nos útil operar uma distinção entre «linhagem» enquanto diacronia, ou representação da memória, cuja forma mais extrema é rigidamente patrilinear, e «linhagem» enquanto sincronia, traduzida no grupo de parentes consanguíneos, de aliados e de dependentes, vocacionado para constituir o quadro onde evoluem as aventuras da cavalaria, passada que estava a fase em que predominavam a proeza e a aventura individuais.

Filiação agnática e grupo de consanguíneos são noções que definem um colectivo fortemente hierarquizado, promotor inevitável da figura de um chefe sobre o qual recai todo o carisma. Se a esta estrutura se associar uma ascendência dignificante, com reclamações de patrocínio divino, então teremos fatalmente um grupo predisposto a reclamar a supremacia política e a disputá-la a qualquer instituição senhorial ou régia que se encontre instalada no terreno da narrativa. Esta narrativa, por seu lado, exige uma organização que contemple vários espaços e, sobretudo, um tempo geracional que dificilmente se pode confinar a um só romance. Assim terá nascido o ciclo formado a partir do primitivo *Roman de Lancelot* em prosa.

A emergência da linhagem enquanto conceito teve como consequência induzir uma redistribuição da ideia de poder na sociedade medieval que avançava já, a passos largos, para outras definições periodológicas que iriam consagrar o fim da Idade Média. Nesta perspectiva, talvez não seja demasiado ousado propor uma inversão da definição dos termos e dos conceitos que se escondem – sobretudo em galego-português – por trás do termo «linhagem», já que nos parece que a ascendência temporal está sempre ao serviço do grupo de homens que se reclama da solidariedade do sangue. É a representação diacrónica que suscita a instituição do tempo, a busca das origens e a constituição da memória. Essa memória convocada implica, não raro, uma verdadeira reescrita da História, podendo mesmo ir para além da ordem da *natura*, para penetrar em domínios do imaginário ou mesmo da escatologia, como se verifica na construção do ciclo arturiano em prosa. Em todos os casos, *a linhagem é a memória convocada ao serviço da reprodução social da nobreza, tal como esta se configura na proximidade do final da Idade Média.*

Bibliografia:

- Ailenii, Simona (2020), *A Tradução Galego-Portuguesa do Romance Arturiano. Os primeiros testemunhos*, Porto, Estratégias Criativas
- Arquillière, Henri-Xavier (1934), *L'augustinisme politique : essai sur la formation des théories politiques du Moyen Âge*, Paris, Vrin,
- Baumgartner, Emmanuèle & Medeiros, Marie-Thérèse (2007, eds.), *La Mort du Roi Arthur, Roman publié d'après le manuscrit de Lyon, Palais des Arts 77, complete par le manuscrit BnF n.a.fr. 1119*, Librairie Honoré Champion.
- Boutet, Dominique & Strubel, Armand (1979), *Littérature, politique et société dans la France du Moyen Age*, Paris, PUF, pp. 27-33.
- Bogdanow, Fanni (1966), *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester, Manchester University Press.
- Castro, Ivo (1983), «Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata», *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1, pp. 81/98.
- Correia, Isabel (2003), «Os sonhos e a linhagem no Livro de José de Arimateia, versão Portuguesa da *Estoire del Saint Graal*», in Ana Morais et al (eds.), *Da Decifração em Textos Medievais. IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, ed. Colibri.
- , (2015). *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*. Porto: Estratégias Criativas.
- Contreras Martín, Antonio & Sharrer, Harvey (eds., 2006), *Lanzarote del Lago*, Madrid, Centro de Estudios Cervantinos
- Fabry-Tehranchi, Irène (2014), «La fontaine bouillonnante et la tombe de Lancelot l'Ancien : Modalités textuelles et iconographiques de la construction cyclique dans le Lancelot-Graal», *Le Moyen Age*, 2 (Tome CXX), pp. 331-375.
- Frappier, Jean (1977), *Autour du Graal*, Genève, Librairie Droz.
- Gîrbea, Catalina (2007), *La couronne ou l'auréole. Royauté terrestre et chevalerie celestielle dans la légende arthurienne (XIIe-XIIIe siècles)*, Turnhout, Brepols, particulièrement pp. 76-90.
- Laranjinha, Ana Sofia (2010). *Artur, Tristão e o Graal. A escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Boron*. Porto: Estratégias Criativas.
- Kennedy, Elspeth (1986), *Lancelot and the Grail*, Oxford, Clarendon Press.

- Lubac, Henri de (1959), *Exégèse médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, 4 vols., Paris, Aubier
- Martin, Georges (1992), *Les Juges de Castille. Mentalités et discours historique dans l'Espagne médiévale*, Paris, Klincksieck
- Martin, Georges & Miranda, José Carlos Ribeiro (orgs., 2011), *Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos*, Porto, Estratégias Criativas
- Micha, Alexandre (ed., 1978), *Lancelot. Roman en prose du XIIIème siècle*, tome V, Librairie Droz, Paris-Genève
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a). *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*. Porto: Granito.
- , (1998b). *Galaaz e a ideologia da linhagem*. Porto: Granito.
- , (2002), «Elaim, o Branco, e o devir da linhagem santa», in *Matéria de Bretanha em Portugal, Actas do colóquio realizado em Lisboa nos dias 8 e 9 de Novembro de 2001*, coordenação de Leonor Neves, Margarida Madureira e Teresa Amado, Lisboa, Edições Colibri, pp. 215-226.
- , (2011), «O Romance Arturiano: Ciclos & Linhagens», *Tágides 1* (S. Paulo), pp. 159-175. ISSN: 2237-0838
- , (2013), «Lancelot e a recepção da literatura arturiana em Portugal», *e-Spania, Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales* [En ligne], 16. Disponível em: <https://journals.openedition.org/e-spania/22778>
- , (2015), «O ciclo arturiano em prosa, versão cavaleiresca da história do mundo», in Samuel Dimas, Renato Epifânio e Luís Lóia (ed.), *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, I, 2, Paris, Nota de Rodapé Edições, pp. 118-126 (ISBN: 978-989-20-5876-4).
- , (2019), «Post Scriptum a “Catábase virgiliana nos sonhos de Lancelote”», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 4, pp. 97-108. DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a6>
- Miranda, José Carlos Ribeiro; Ana Sofia Laranjinha; Isabel Correia; Simona Ailenii e Eduarda Rabaçal (eds., 2015), *Estória do Santo Graal*, Porto, Estratégias Criativas.
- Mosès, François (ed., 1998), *Lancelot. La fausse Guenièvre*, Paris, Librairie Générale Française.
- Nunes, Irene Freire (ed., 1995), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, INCM.
- Pastoureau, Dominique (2014), *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*, Paris, Éditions Points.

- Pauphilet, Albert (ed., 1923), *La Queste del Saint Graal, roman du XIIIe Siècle*, Paris, Honoré Champion.
- Ponceau, Jean-Paul (ed., 1997), *Estoire del Saint Graal*, 2 vols., Paris, Honoré Champion Éditeur.
- Silva, Rafaela (2019), *A escrita bíblica no romance arturiano em prosa: a Demanda do Santo Graal e a Queste del Saint Graal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de doutoramento). URL: <https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/MR2AQY7HSVDTG2C83FSYD763RBKGKH.pdf>.
- Sommer, H. Oskar (ed., 1909-1917), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, 7 vols., Washington, The Carnegie Institution of Washington.
- Teixeira, Sofia M. Silva (2019), «A catábase virgiliana nos sonhos de Lancelote da Demanda da Santo Graal», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 4, 2019, pp. 81-96. DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a5>
- Wechssler, Eduard (1895), *Ueber die verschiedenen Redaktionen des Robert von Borron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus*, Halle, Max Niemeyer.